

Descrição do mar:
importância das aliterações (repetição de sons: sons nasais – m-, sons sibilantes-s, ch) para expressar a tranquilidade do mar e o som das ondas.

OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES

FICHA 2

INÍCIO DA NARRAÇÃO *IN MEDIA RES* E O CONSÍLIO DOS DEUSES

19
Já no largo Oceano¹ navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,
20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se juntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vem pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante, (Júpiter)
Pelo neto gentil do velho Atlante.

21
Descem dos Sete Céus o regimento,
Que do **poder mais alto** lhe foi dado,
Alto Poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos, num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado
E os que o Austro² tem e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol³ se esconde.

22
Estava **o Padre⁴** ali, **sublime e dino**, (Júpiter)
Que vibra os feros raios de Vulcano⁵,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto **alto, severo e soberano;**
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com hũa coroa e cetro rutilante,
De outra pedra **mais clara que diamante** (Hipérbole: exagero)

23
Em **luzentes assentos, marchetados⁶**
De **ouro e de perlas**, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados,
Como a Razão e a Ordem concertavam⁷
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam),
Quando Júpiter alto, assi dizendo,
Cum tom de voz começa, **grave e horrendo:**

24
"Eternos moradores do luzente, (Vocativo)
Estelífero Polo⁸ e claro Assento:
Se **do grande valor da forte gente** (os portugueses)
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados⁹ grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

As estâncias 19 e 20 devem ser lidas seguidamente, porque só há ponto final no fim da estância 20. A ideia é de mostrar que, através do uso do advérbio de tempo "Já" se pretende indicar que os navegadores portugueses já se encontravam a navegar no oceano, quando os Deuses decidiram reunir-se para discutir o destino dos portugueses.

Poder mais alto: poder de Deus cristão, maior do que o dos outros deuses e que governa tudo: Céu, Terra e Mar.

Todos os deuses: os que vêm do Polo Norte/ Polo Sul/ Oriente e do Ocidente.

Dupla e tripla adjetivação: muito usado para descrever/ caracterizar seres e outras realidades, e respeitar a métrica.

Dupla adjetivação: descrever / caracterizar seres e outras realidades, e respeitar a métrica.

Início do Discurso de Júpiter

O Destino quer que os assírios, os persas, os gregos e os romanos sejam esquecidos, porque os portugueses têm "grande valor" e é uma "forte gente".

25
Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
Cum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro **forte e guarnecido**
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Castelhana tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assi que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentés da vitória.

26
Deixo, **Deuses**, atrás a fama antiga, (Vocativo)
Que co a gente de Rómulo¹⁰ alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram.
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão¹¹, que, peregrino,
Fingiu na cervá espírito divino

27
Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar **num lenho leve**, (sinédoque)
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto¹² a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e perfia
A ver os bercos onde nasce o dia.

28
Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas águas tem passado o duro inverno;
A gente vem **perdida e trabalhada.**
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

29
E porque, como **vistes**, tem passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, **determino**, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa¹³ frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

30
Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença¹⁴ um do outro difiria,
Razões diversas dando e recebendo.

O **padre Baco** ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

GRANDE CONFUSÃO NO OLIMPO: ninguém se entendia. **BACO** intervém porque não concorda com Júpiter, não quer ser esquecido no Oriente, por isso **não é favor dos portugueses serem bem-sucedidos.**

Júpiter dirige-se aos deuses ("bem o vistes"), no Olimpo, para lhes dizer que os portugueses, apesar de pequenos, conseguiram tomar a terra a sul e a norte do Tejo aos Mouros e tiveram sempre o Céu do seu lado quando lutaram contra os castelhanos, ou seja, sempre tiveram fama e glória, mas precisam, agora, de ganhar os troféus.

Ele continua e interpela os Deuses, dizendo-lhes que deixa a fama que os romanos tiveram para, AGORA, celebrar os portugueses que ousaram enfrentar o MAR numa pequena embarcação (lenho leve), por um percurso nunca antes usado, não temendo os ventos para chegar à Índia.

Perífrases:
-1.o Equador;
-2.visam;
-3.o Oriente.

PORQUÊ?
Porque o DESTINO lhes é favorável e o destino não falha, por isso devem governar o Oriente durante longos tempos.

PORQUÊ?
Porque os portugueses passaram no mar um inverno duro e estão cansados e merecem ver a Terra que desejam.

PORQUÊ?
Porque os portugueses têm passado perigos por causa do tempo e das tempestades, JÚPITER DETERMINA que eles sejam acolhidos como amigos na costa africana para descansarem antes de continuar a viagem.

Fim do Discurso de Júpiter

- Índico
- vento do Sul
- o Nascente e o Poente
- Júpiter
- deus do fogo
- esmaltados
- mandavam
- céu
- destino(s)
- os Romanos
- estrangeiro (Sertório)
- ventos do Sudoeste e do Sul
- cansada
- opinião

Perífrase

Perífrase

Descrição de Júpiter

Descrição do Olimpo: posição dos deuses, dos mais velhos para os mais novos

Perífrase

1

31

Ouvido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortíssima de Espanha,
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

Baco tinha ouvido que viriam os portugueses e que dominariam a Índia e, assim, seriam esquecidos os seus feitos e a sua fama (a de Baco).

Perífrase

32

Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

Ele nunca foi esquecido até ao momento e teme, agora, que o seu nome seja sepultado /esquecido se os portugueses chegarem à Índia.

Perífrase e metáfora

33

Sustentava contra ele **Vénus** bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada sua, Romana;
Nos **fortes corações**, na **grande estrela**,
Que mostraram na terra Tingitana,
E **na língua**, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

Intervém VÉNUS contra BACO porque os portugueses lhe fazem lembrar os romanos:
1. nos fortes corações;
2. na sorte que têm /destino;
3. na língua (próxima da latina, tanto é parecida).

Continuação da Descrição de MARTE:
-forte escudo,
-medonho e irado,
-viseira de diamante,
-mui seguro,
-armado, forte e duro,
-pancada penetrante...

Figura que intimida pela sua descrição e atitudes.

Hipérbole

Intervenção de MARTE:
-apóstrofe a Júpiter (uso do vocativo) para que ele que tem o poder sobre tudo, então, se já decidiu que os portugueses devem ser ajudados, não ouça mais ninguém, porque É JUIZ e logo pode decidir sem ouvir os argumentos de Baco que parecem ser suspeitos.

34

Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro **entende**
Que há de ser celebrada a clara Deia,
Onde a gente belígera se estende.

Estes eram os motivos de VÉNUS e porque considera que se os defender, há de ser celebrada por eles.

Intervenção de MARTE:
Marte afirma que Júpiter não deve ouvir nem dar importância às "razões de quem parece suspeito", pois Baco tinha motivos para apoiar os portugueses, visto estes descenderem de "seu tão privado" Luso, e as únicas razões que o levam, naquele momento, a não favorecer os portugueses são o medo e a inveja.

Intervenção de MARTE:
dirige-se a Júpiter (TU - vocativo / apóstrofe) dizendo-lhe que não tem de voltar atrás na sua decisão porque é sinal de fraqueza e diz que Mercúrio deve indicar o caminho aos portugueses, porque é rápido.

Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o **outro, pelas honras que pretende**
Debatem, e na perfilha permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

Antítese

Todos os deuses discutem, mas não se chega a conclusão porque uns defendem Baco, outros defendem Vénus.

Perífrase

35

Qual Austro fero ou Bóreas¹⁵, na espessura,
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com ímpito e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

GRANDE CONFUSÃO NO OLIMPO:
ninguém se entendia, e a natureza (descrição) está em sintonia com o desentendimento divino: **aliteração** do som "r" e dos sons nasais que remetem para a agressividade.

Júpiter concordou com o que Marte disse, dando por terminado o Consílio com a distribuição de néctar por todos. Os deuses voltaram para os seus aposentos.

36

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deuses em pé se levantava
(Merencório¹⁶ no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando pera trás, **medonho e irado**,

Intervém MARTE que apoiava Vénus, ou por causa de um amor antigo ou porque, de facto, os portugueses mereciam, e levantado

Descrição de MARTE:
-forte escudo,
-medonho e irado,

37

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, **armado, forte e duro**;
E, dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como iriado;

Continuação da Descrição de MARTE:
-forte escudo,
-medonho e irado,
-viseira de diamante,
-mui seguro,
-armado, forte e duro,
-pancada penetrante...

Figura que intimida pela sua descrição e atitudes.

Hipérbole

Intervenção de MARTE:
-apóstrofe a Júpiter (uso do vocativo) para que ele que tem o poder sobre tudo, então, se já decidiu que os portugueses devem ser ajudados, não ouça mais ninguém, porque É JUIZ e logo pode decidir sem ouvir os argumentos de Baco que parecem ser suspeitos.

38

E disse assi: "**Ó Padre**, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste;
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39

Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado¹⁷;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem de estômago danado¹⁸,
Que nunca tirará alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

Intervenção de MARTE:
Marte afirma que Júpiter não deve ouvir nem dar importância às "razões de quem parece suspeito", pois Baco tinha motivos para apoiar os portugueses, visto estes descenderem de "seu tão privado" Luso, e as únicas razões que o levam, naquele momento, a não favorecer os portugueses são o medo e a inveja.

40

E **tu, Padre de grande fortaleza**,
Da determinação que tens tomada
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

Intervenção de MARTE:
dirige-se a Júpiter (TU - vocativo / apóstrofe) dizendo-lhe que não tem de voltar atrás na sua decisão porque é sinal de fraqueza e diz que Mercúrio deve indicar o caminho aos portugueses, porque é rápido.

Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme¹⁹."

Perífrase

41

Como isto disse, **o Padre poderoso**,
A cabeça inclinando, **consentiu**
No que disse Mavorte valeroso,
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso,
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos²⁰,
Pera os determinados aposentos.

Conector discursivo que expressa uma conclusão

Conjunção coordenativa adversativa expressa uma oposição de ideias: MARTE intervém.

Exercício:

Faz a correspondência entre as partes da obra e as suas descrições.

Proposição	Desenvolvimento da ação: o poeta relata a viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia pelos navegadores portugueses.
Invocação	Apresentação dos propósitos e assunto da obra: o poeta propõe-se exaltar os feitos dos Portugueses.
Dedicatória	Pedido de inspiração a entidades sobrenaturais: Camões pede inspiração às ninfas para cantar os feitos heroicos dos Portugueses.
Narração	Oferecimento da obra a alguém: Camões dedica a sua obra ao rei D. Sebastião.

- 15. Vento Sul e Vento Norte e Nordeste
- 16. aborrecido
- 17. íntimo
- 18. coração malévolo
- 19. se recomponha
- 20. reverências

Assinala as opções corretas.

Quais as afirmações verdadeiras?

Os deuses estão dispostos segundo a ordem de chegada.

Júpiter presidiu à reunião.

Os deuses são convocados por Vénus, por ordem de Júpiter.

O consílio tem lugar no Olimpo.

Qual é o objetivo da assembleia dos deuses?

Eleger o chefe dos deuses.

Armar uma cilada aos Portugueses.

Decidir o futuro dos Portugueses no Oriente.

Decidir o itinerário da viagem dos Portugueses.

Júpiter inicia o seu discurso com a apóstrofe "Eternos moradores do luzente". A quem se dirige Júpiter?

Aos astros do céu.

Aos deuses do Olimpo.

Aos Portugueses.

Segundo Júpiter, o que estava traçado pelos "Fados grandes"?

O destino já tinha decidido que os Portugueses deveriam chegar à Índia.

O destino já tinha decidido que os Portugueses superariam os deuses.

O destino já tinha decidido que os Portugueses nunca chegariam à Índia.

O que deliberou o pai dos deuses?

Os Portugueses podem prosseguir a sua viagem, desde que paguem um tributo aos deuses do Olimpo.

Os Portugueses devem ser recebidos em terra africana para poderem descansar, antes de prosseguirem a sua viagem.

Se os Portugueses prosseguirem com a sua viagem, terão de naufragar.

Classifica as estâncias constitutivas do discurso de Júpiter, de acordo com o assunto a que se referem.

	História passada do povo português	Situação presente dos Portugueses
Estância 25	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estância 26	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estância 27	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estância 28	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estância 29	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Baco	Vénus
Os Portugueses celebrá-lo(a)-iam onde chegassem.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Revê nos Portugueses as qualidades dos Romanos.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Teme que a sua fama seja ultrapassada no Oriente.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
A língua portuguesa é próxima do latim.	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Cultiva o amor pelo próximo e pelas grandes causas.	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Para sugerir a violência da discussão entre os deuses, o poeta faz referências ao estado da natureza. Assinala o recurso expressivo presente nos seguintes versos.

"Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida" (est. 35, vv. 5-6)

Comparação.

Personificação.

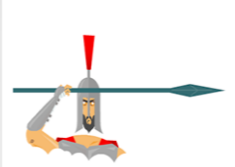
Hipérbole.

Qual a consequência da "pancada penetrante" que Marte deu?

Os deuses ficaram todos muito assustados.


Júpiter não gostou e expulsou Marte da assembleia.

O Céu tremeu.



Identifica os versos que transmitem a incerteza sobre a verdadeira razão de Marte ter apoiado Vénus.

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava
(Merencório no gesto parecia),
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando *pera* trás, medonho e irado,



Os Lusíadas, de Luis de Camões – Canto I, est. 36


Nos versos "Ou porque o amor antigo o obrigava, / Ou porque a gente forte o merecia," estão presentes...

duas conjunções coordenativas disjuntivas.

duas conjunções coordenativas adversativas.

duas conjunções subordinativas temporais.

duas conjunções subordinativas causais.



Depois de todos os argumentos esgrimidos, Júpiter toma a sua decisão final. Assinala a opção correta.

Júpiter concordou com a sugestão de Baco de fazer o que já tinha decidido: ajudar os Portugueses.

Júpiter concordou com a sugestão de Marte de fazer o que já tinha decidido: ajudar os Portugueses.

Júpiter não concordou com a sugestão de Marte e decide voltar atrás na sua decisão de ajudar os Portugueses.

Faz a correspondência entre cada momento da ação e a respetiva estância.

Estâncias 20 e 21	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Apresenta a intervenção de Júpiter.
Estâncias 22 e 23	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Revela a decisão final de Júpiter, que marca o encerramento do consílio.
Estâncias 24 e 29	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Caracteriza Marte.
Estâncias 30 e 35	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Narra as posições tomadas por Baco e Vénus.
Estâncias 36 e 37	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Apresenta a intervenção de Marte.
Estâncias 38 e 40	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Narra a convocatória dos deuses, a deslocação e a chegada destes ao Olimpo.
Estância 41	<input type="radio"/>	<input type="radio"/> Descreve Júpiter e a organização dos participantes no consílio.

Faz a correspondência entre os planos d'Os Lusíadas e as suas descrições.	
Plano da Viagem	● Ação central do poema – a viagem de Vasco da Gama e da sua tripulação até a Índia.
Plano da História de Portugal	● Narração da história de Portugal por Vasco da Gama ao rei de Melinde, por Paulo da Gama ao catual de Calecut e pelo Adamastor a Têtis.
Plano do Maravilhoso	● Momentos em que Camões tece as suas considerações, reflexões, lamentações, críticas ou elogios acerca de diversos assuntos.
Plano do Poeta	● Intervenção de figuras divinas e mitológicas.

Consílio dos Deuses no Olimpo – algumas questões e respostas:

1. Identifica os dois planos narrativos presentes nas estrofes 19 e 20.

Os planos presentes nestas duas estâncias são o plano da viagem e o plano dos deuses.

1.1. Que relação temporal podemos estabelecer entre eles?

Podemos estabelecer uma relação temporal de simultaneidade, visto que as duas ações acontecem em simultâneo.

2. Faz o levantamento das palavras e das expressões que sugerem ideias de riqueza e de poder nas estrofes 22 e 23.

As palavras e as expressões que sugerem as ideias de riqueza e de poder nas estrofes 22 e 23 são as seguintes: “sublime e dino”; “vibra os feros raios”; “assento de estrelas cristalino”; “gesto alto, severo e soberano”; “respirava um ar divino”; “coroa de ceptro rutilante”; “pedra mais clara que diamante”; “luzentes”; “marchetados”; “de ouro e de perlas”; “tom de voz ... grave e horrendo”.

2.1. Relaciona a insistência nessas ideias com o espaço descrito e aqueles que aí se encontram.

São os poderosos e magnificentes Deuses do Olimpo que, segundo a mitologia clássica, comandavam e determinavam os destinos dos humanos, daí as ideias de poder e de riqueza.

3. Caracteriza o pai dos deuses - Júpiter.

Júpiter, pai dos deuses e presidente da assembleia, é apresentado como um **soberano onipotente**, “sublime e dino/ Que vibra os feros raios de Vulcano” (dupla adjetivação e sensações visuais e auditivas). Tem um rosto distinto, “severo e soberano” (dupla adjetivação) e fala num tom que impõe respeito. Encontra-se sentado num trono “de estrelas cristalino” (sensações visuais) e a sua coroa e ceptro resplandecentes, símbolo do poder, eram de “pedra mais clara que diamante” (sensações visuais).

4. O discurso de Júpiter destina-se a convencer os seus ouvintes sobre o futuro dos Lusitanos – os Lusíadas. Aponta três razões pelas quais este deus apoia esse povo.

Segundo Júpiter, os portugueses devem ser apoiados pelas seguintes razões:

-devido ao “grande valor da forte gente/ De Luso”;

-defrontaram “com fama e glória” os fortes mouros e os afamados romanos;

-está destinado que os portugueses governem o Oriente, pois “Prometido lhe está do Fado eterno,/ Cujá alta lei não pode ser quebrada”.

Ou seja, segundo Júpiter, **os portugueses devem ser apoiados, porque são fortes e valorosos** (“se do grande valor da forte gente”); **defrontaram “com fama e glória” os fortes mouros, os temíveis castelhanos e os afamados romanos**; no presente **enfrentam os perigos do mar** (“Agora vedes bem que, cometendo/ O duvidoso mar, num lenho leve” - sinédoque) e **está destinado que os portugueses governem o Oriente**, pois “Prometido lhe está do Fado eterno,/ Cujá alta lei não pode ser quebrada”.

4.1. Que qualidades demonstram então os portugueses possuir? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

Demonstram possuir bravura, “grande valor da forte gente”; valentia e audácia “c’um poder tão singelo e tão pequeno/ Tomar ao Mouro forte e guarnecido”; glória e notoriedade por causa da “fama antiga/ Que co’a gente de Rómulo alcançaram,”; coragem e ousadia, enfrentam sem temor “o duvidoso mar, num lenho leve,/ Por vias nunca usadas(...)

4.2. Refere a figura de estilo presente no seguinte verso, explicitando o seu sentido: “Do mar que vê do Sol a roxa entrada”.

O recurso é a perífrase, pois o poeta utiliza várias palavras para se referir ao Oceano Índico.

4.3. Transcreve os versos reveladores da decisão de Júpiter e explica-os por palavras tuas.

Os versos são os seguintes: “Que sejam, determino, agasalhados/ Nesta costa Africana como amigos; / E, tendo guarnecido a lassa frota, / Tornarão a seguir sua longa rota”. Júpiter delibera que os navegadores se reabastecem e se recomponham na costa africana, para depois prosseguirem viagem.

5. Que motivos levam Baco a discordar de Júpiter? Justifica a tua resposta com passagens do texto.

Baco, deus do vinho e adorador no Oriente, discorda de Júpiter. Sabe que “os seus feitos no Oriente” serão esquecidos “Se lá passar a Lusitana gente”. Baco **receia perder o seu prestígio no Oriente se lá chegar a gente lusitana forte e gloriosa**.

6. Vénus, por seu lado, apoia e defende os portugueses. Porquê?

Vénus, “afeiçoada à gente Lusitana”, pelas suas inúmeras qualidades e semelhanças com os seus amados romanos, apoia a decisão de Júpiter. Vénus apoia os Portugueses por simpatizar com eles devido às **semelhanças que apresentam com os romanos, na guerra e na língua** (“Afeiçoada à gente Lusitana, / Por quantas qualidades via nela/ Da antiga tão amada sua Romana: / Nos fortes corações.. / E na língua”). Além disso, Vénus deseja que **o seu culto seja, também, celebrado no Oriente** (“Que há-de ser celebrada a clara Dea”).

7. Explica, por palavras tuas, os quatro últimos versos da estrofe 34.

Baco receia perder a fama, Vénus pretende ser homenageada, por isso eles discutem, com teimosia, e são apoiados pelos respetivos amigos.

7.1. Explica o sentido da comparação, da hipérbole, das aliterações e das sonoridades nasais presentes na estrofe 35.

A utilização dos recursos expressivos possibilita a visualização de todo o ambiente vivido no consílio. A confusão gerada faz lembrar a “mata escura” de montanha a ser assolada por uma enorme tempestade de ventos bravios. A sugestão de ruídos é conseguida através da predominância de determinados sons (aliteração) consonânticos e nasais, como por exemplo: “Rompendo os ramos vão da mata escura”; “Brama toda a montanha, o som murmura”.

7.1.1. Relaciona esse uso expressivo da linguagem com a forma como os deuses se envolvem no debate.

O uso expressivo da linguagem permite mostrar a forma acalorada e exaltada com que os deuses estão envolvidos no debate.

8. Relaciona os símbolos do deus Marte e a sua atitude com o facto de ele ser o deus da guerra.

Exibindo o “forte escudo”, “a viseira do elmo de diamante” e o bastão, Marte é apresentado como um **deus vigoroso, corajoso e muito seguro de si**. Tais características são tão bem evidentes, quer no seu aspeto quer na sua postura: Marte “(...) em pé se levantava./ Merencório no gesto(...)/ O forte escudo ao colo pendurado/ (...) medonho e irado/ (...) se pôs diante de Júpiter, armado, forte e duro; / (...) dando ua pancada penetrante”. **O deus da guerra é de tal forma impetuoso que a sua timidez faz tremer o céu e assusta Apolo, deus do Sol**, que até “um pouco de luz perdeu” (hipérbole).

9. Indica as razões que levam Marte a ajudar os lusitanos.

Marte apoia os portugueses por causa do “amor antigo” sentido por Vénus e também pela sua coragem.

10. O que pensa Marte da argumentação apresentada por Baco.

Marte afirma que Júpiter não deve ouvir nem dar importância às “razões de quem parece suspeito”, pois Baco tinha motivos para apoiar os portugueses, visto estes descenderem de “seu tão privado” Luso, e as únicas razões que o levam, naquele momento, a não favorecer os portugueses são o medo e a inveja.

11. Marte finaliza o seu discurso fazendo um pedido a Júpiter. Qual? Marte pediu-lhe para não voltar atrás na decisão que já tinha tomado.

11.1. Que significado teria para Marte o não cumprimento desse pedido? O não cumprimento desse pedido seria sinal de fraqueza da parte de Júpiter.

12. Como termina então o Consílio?

O Consílio termina com Júpiter a dar razão a Marte e a confirmar a sua decisão: os portugueses descobrirão o caminho marítimo para a Índia.

13. Relaciona a criação do episódio do Consílio dos Deuses com a intenção glorificadora de Os Lusíadas, tendo em conta os seguintes aspetos:

a existência de um motivo para os deuses se reunirem; a existência de deuses a favor dos portugueses (o pai dos deuses, a deusa do amor e o deus da guerra) e de um deus que está contra os portugueses (deus do vinho e do Oriente); a exaltação das qualidades dos portugueses realçadas (direta e indiretamente) pelos deuses. Com a criação deste episódio, o poeta pretende glorificar e enaltecer todo o povo português. A viagem de Vasco da Gama funciona como um importante motivo de interesse e exige que os deuses se reúnam, provocando uma difícil e acalorada discussão onde as opiniões divergentes. Servindo-se do discurso argumentativo, o poeta consegue que todos os deuses louvem e exaltem a excelência dos portugueses.